



Emília Araújo & Eduardo Duque (eds.) (2012)
Os tempos sociais e o mundo contemporâneo. Um debate para as ciências sociais e humanas
Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade / Centro de Investigação em
Ciências Sociais
ISBN: 978-989-8600-07-3

Tempus fugit: o tempo e a inevitabilidade da morte

MAFALDA FRADE¹

CLUNL – Universidade Nova de Lisboa

mmfrade@fcsh.unl.pt

Resumo:

No presente texto, pretendemos refletir sobre a forma como a sociedade tem vindo a lidar, desde os fins do século XIX até à presente data, com a inevitabilidade da morte e a relação que se estabelece entre esta circunstância e a passagem do tempo. De facto, se a condição da mortalidade tem gerado angústias e temores em quem parte, pelas circunstâncias de mistério e incerteza que arrasta consigo, em quem fica provoca sentimentos variados e relacionados, entre outros, com o tempo. Estes sentimentos são frequentemente exprimidos num tipo específico de texto – o epitáfio – que é propenso a patentear as ideias da sociedade sobre a morte. Essa é a razão por que, a nível da expressão de sentimentos relacionados com a temporalidade, encontramos inscrições tumulares que refletem a noção da brevidade da vida, a diferença entre a certeza da finitude e a esperança da eternidade, a vontade de esperar por um reencontro, etc. Esta situação reveste-se de especial interesse para a Sociolinguística, na medida em que nos permite verificar a forma como a sociedade expõe, a nível da língua, as suas angústias e esperanças sobre a inevitabilidade da separação dos entes queridos que a passagem do tempo acarreta.

Assim sendo, com este estudo pretende-se demonstrar a forma como a questão da passagem do tempo face à morte é tratada a nível da língua portuguesa, nomeadamente no que diz respeito à forma como os indivíduos encaram esta circunstância em épocas de luto. Para atingirmos este objetivo e sustentarmos o nosso estudo, analisaremos diversos textos de epitáfios recolhidos em cemitérios distribuídos por várias capitais de distrito de Portugal Continental, que nos permitiram compor um *corpus* de algumas centenas de inscrições tumulares relevantes, cuja datação abarca o período compreendido entre 1836 e a atualidade.

Palavras-chave:

Tempo, epitáfio, morte, luto, memória, língua

1. O tabu da morte

A morte foi um foco de atenção para o ser humano desde os tempos mais remotos, por ser uma circunstância rodeada de mistério e incerteza, factos que a tornaram num tabu em muitas civilizações (Caputo, 2008: 73.l; Ullmann, 1964). Assim sendo, historicamente o

¹ Apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia: SFRH/BPD/47528/2008.

interesse pelo mundo dos mortos foi uma constante, embora os cuidados que foram ministrados aos defuntos ao longo do tempo tenham variado, tal como a relação que lhes foi atribuída com o mundo dos vivos. No Mundo Antigo, por exemplo, as sepulturas eram afastadas do contacto com os vivos, enquanto no século VI d. C., e por influência do culto dos mártires protetores, os locais funerários foram aproximados das localidades, começando a surgir sepulturas em igrejas (Ariès, 1975: 25-29). Na Idade Média, mais concretamente entre os séculos XI e XII, assistimos a uma mudança de mentalidades, provocada pela disseminação do pensamento cristão: a ideia da existência de um Juízo Final, que torna o Paraíso uma recompensa só para eleitos, conduz a que a morte passe a ser encarada com temor (Ariès, 1975: 32-35). Para além disto, entre os séculos XIV e XVI surge também um interesse artístico por tudo o que se relaciona com a morte, passando a associar-se o desaparecimento corporal à corrupção física. Mais tarde, no século XVIII, com o Iluminismo, os enterramentos nas igrejas começam a ser postos em causa (Ariès, 1975: 49-50; Catroga, 1999: 42-45), tanto por questões de saúde como pela defesa da dignidade da sepultura (considerava-se indigna a forma como os corpos eram tratados nas fossas onde eram colocados). A estas mudanças de pensamento crescem transformações sociais provocadas pela industrialização que produzem mudanças a nível das relações familiares e da forma como a morte é encarada: com a separação do local de trabalho do local de residência, a família desenvolve-se pela primeira vez num espaço privado e mais reduzido onde a atração sexual, o amor e companheirismo passam a ter mais importância. Ora, a importância dada ao afeto torna a morte mais dramática, na medida em que implica a separação de um ente querido, o que produz sofrimento. É nesta época, assim, que o luto se torna mais visível, que as exéquias começam a personalizar-se e que tem início o hábito das visitas aos defuntos e o uso da sepultura como forma de culto da memória (nas classes abastadas), que permite a ilusão de imortalização, não apenas do defunto, mas também da sua família (Ariès, 1975: 50; Catroga, 1999: 16, 29-30).

No século XX, vários fatores contribuíram para que o tabu da morte se tenha fortalecido e esta passasse a ser encarada com distanciamento. Por um lado, dá-se a valorização social do prazer e da felicidade, o que limita o espaço para a dor e o sofrimento (Abud, 2008: 2). Por outro lado, os diversos avanços no campo da medicina criaram a ilusão de que a morte é controlável, ao invés de ser uma circunstância natural e expectável, pelo que a sua aceitação se tornou cada vez mais difícil (Abud, 2008: 3). Para além disto, a disseminação dos tratamentos médicos em ambiente hospitalar teve como consequência o deslocamento do momento da morte de casa para o hospital, permitindo que a sociedade deixasse de estar exposta à sua própria finitude a todo o momento (Macedo, 2004: 10-12; Oliva-Augusto, 1994: 101-102). Esta redução de visibilidade teve por consequência a diminuição da tolerância à morte: os doentes terminais são empurrados para os hospitais e os rituais fúnebres tornam-se rápidos e discretos, como se se devesse fazer desaparecer depressa o cadáver, cuja corrupção assusta (Caputo, 2008: 78, Cunha, 1999: 111-112; Abud, 2008: 2). Mesmo as formas de luto mudaram: ao invés de choro e lamentos bem visíveis e profundos, assistimos hoje ao constrangimento em expressar a dor e à repressão pública dos sentimentos (Ariès, 1975: 58; Carvalho, 2006: 10-11). Contudo, isto não significa indiferença perante quem parte. O que se nota é que a expressão dos sentimentos se converteu numa

circunstância do foro íntimo do indivíduo ou da sua esfera privada, tornando-se pouco visível para o exterior. Há, no entanto, um instrumento que evidencia a dor dos vivos perante o desaparecimento de um ente querido: o epitáfio.

2. O epitáfio como instrumento de estudo

Um cemitério é um “lugar de memória” (Catroga, 1999: 15-16), onde os diversos elementos que compõem a sepultura – caixão, pedra tumular, estatuária, etc. – criam a ilusão de que não há um verdadeiro desaparecimento do corpo. Neste contexto, um dos elementos mais preponderantes para a evocação do defunto é o epitáfio, texto fúnebre que tem sobretudo três funções:

- exaltar a vida, personalidade e feitos do defunto, contribuindo para uma espécie de “julgamento póstumo” (Catroga, 1999: 31) que permite a sua glorificação;
- pedir a benevolência divina ou a oração dos vivos pela alma do defunto;
- veicular pensamentos e emoções dos que ficaram vivos.

A nível linguístico é um tipo de texto bastante interessante, na medida em que permite compreender de que forma um indivíduo transmite, através da linguagem, não apenas o seu pensamento, mas também as ideias sobre a morte veiculadas na sociedade em que vive.

Neste âmbito, o epitáfio transmite informações de diversos tipos, entre as quais a forma como a temporalidade é encarada em épocas de luto.

É esta característica específica que iremos analisar, apoiando-nos em textos de epitáfios recolhidos em cemitérios de algumas capitais de distrito de Portugal Continental, a saber: Porto – Prado do Repouso e Agramonte, Viseu, Aveiro, Santarém, Lisboa – Alto de São João, Évora e Castelo Branco. Do *corpus* estabelecido, selecionámos cerca de 270 inscrições tumulares relevantes, cuja datação abarca o período compreendido entre 1836 e a atualidade. O ano de 1836 foi o nosso ponto de partida, dado não termos encontrado inscrições tumulares anteriores a esta data. Esta situação não é de estranhar se tivermos em consideração que só em 1833, e face às epidemias que surgiram na época das lutas liberais, começaram a surgir medidas concretas que puseram fim aos enterramentos insalubres em igrejas e obrigaram a enterramentos em cemitérios, apesar dos levantamentos populares de resistência e contestação que se verificaram até ao fim do século XIX (Catroga, 1999: 46-59).

Neste processo, apenas tivemos em consideração as inscrições relevantes em termos de temporalidade, tendo sido excluídos epitáfios cuja informação se resumia a dados biográficos (nome, data de nascimento e morte) ou era apenas constituída por expressões formulares muito comuns – caso de expressões como ‘PNAM’ (Pai-Nosso, Ave-Maria) ou ‘À memória de’.

As inscrições obtidas dividem-se da seguinte forma pelos diversos cemitérios investigados (cuja identificação se fará por siglas):

Cemitérios	Períodos	1836-1870	1871-1905	1906-1940	1941-1975	1976-2010
	Aveiro (Av)		2	7	25	7
Santarém (S)		3	4	6	5	7
Castelo Branco (CB)		0	1	1	9	20
Porto – Prado do Repouso (P.PR)		2	4	5	2	9
Porto – Agramonte (P.Agr.)		1	3	6	3	7
Lisboa – Alto de São João (Lx.SJ)		7	4	3	6	10
Viseu (V)		2	0	1	17	7
Évora (E)		2	0	3	17	37

Tabela 1 – Relação de epitáfios usados na investigação

3. A linguagem no campo da morte

3.1 Eufemismo e metáfora

No âmbito dos epitáfios, é comum encontrarmos, em termos linguísticos, eufemismos e metáforas que ajudam os enlutados a lidar com o tabu, na medida em que lhes permitem evitar o uso de vocabulário que evidencie de forma direta e crua a separação física e decomposição corporal. Há, assim, uma tendência geral para a utilização de expressões que atenuam a realidade, razão pela qual se usam termos eufemísticos. Neste campo, encontramos expressões (Kroll, 1984: 19-23) em que a ‘morte’ é *sono eterno, descanso*; ‘morrer’ é *adormecer, expirar, finar-se*; ‘sepultura’ é *campa, última morada*.

Ao eufemismo pode associar-se a metáfora, que permite olhar a morte segundo novas perspetivas (Lakoff, 1992: 4-6; Andrade, 2008: 37) e tendo em conta o universo religioso ou cultural de cada um. Assim, a morte pode ser encarada, por exemplo, como uma passagem para outra vida, uma nova vida onde há felicidade ou uma separação definitiva e eterna.

Muitas vezes, estas duas tendências combinam-se, numa tentativa de atenuar a realidade, que é metaforizada eufemisticamente de várias formas. Encontramos assim referências à morte como uma viagem sem regresso, em que se pede ao defunto, por vezes, que espere o tempo que for preciso por quem fica vivo. Em alguns casos, essa viagem surge cedo demais, sendo a morte encarada como um agente que levou alguém antes do tempo previsto. Neste âmbito, é identificada com um ciclo da natureza, fazendo-se referência à ‘flor da idade’ ou à ‘Primavera da vida’, por exemplo. Outras vezes, a morte conduz o defunto a uma ‘morada final’ onde ele vai ficar por toda a eternidade. Contudo, por vezes esta morada não é definitiva, mas implica apenas uma outra dimensão espacial que envolve situações temporais não definitivas: a morte surge metaforizada como ‘descanso’ ou significa ‘viver na memória’, como se se tratasse de um processo que não apaga a identidade de quem morre, já que o defunto permanece vivo na recordação dos outros.

3.2 As referências temporais

Como seres vivos, os humanos são marcados pela temporalidade: sabem que a vida possui um fim e que, um dia, todos enfrentam a morte. E sempre que alguém querido desaparece, defrontam-se não apenas com os sentimentos de luto, mas também com a noção da sua própria finitude. Este confronto provoca angústia e conduz à necessidade de

criar mecanismos de defesa – como os ritos fúnebres, por exemplo – que permitem um alívio para o desassossego que se instala (Bellato/Carvalho, 2005: 100).

Também os epitáfios, ainda que de forma ilusória, podem contribuir para diminuir a angústia, na medida em que, através deles, é possível conservar o defunto simbolicamente vivo. Isto faz-se pelo recurso à memória (muitos epitáfios afirmam explicitamente a vontade de manter a recordação do defunto) e pela criação de uma nova identidade: ao morrer, o defunto adquire um novo estatuto, na medida em que deixa de ser um “vivo vulgar” (Bellato/Carvalho, 2005: 100), para passar a ‘viver’ numa outra dimensão. De facto, e dado que, numa perspetiva de tempo linear, a morte é tida como uma rutura e uma perda, tenta-se ultrapassar a cisão entre ela e a vida através da criação de correspondências entre os dois mundos (Bellato/Carvalho, 2005: 101). Assim, a vida é projetada para uma dimensão espacial e temporal indefinida, onde o defunto se mantém vivo e pode ascender a uma vida diferente que lhe permite tornar-se imortal.

Tendo isto em conta, em termos linguísticos, e para além de eufemismos e metáforas, nos epitáfios é frequente encontrarmos referências temporais – mais ou menos diretas e ligadas às noções de passado, presente e futuro – através das quais se expressam diversos sentimentos e perspetivas relativamente ao desaparecimento dos entes queridos.

3.2.1 O tempo passado

Muitos são os epitáfios analisados² que se referem predominantemente ao tempo passado, relacionando-se com o tempo biográfico de quem partiu e a memória que lhe está associada (Araújo, 2005: 6). Aludem, neste âmbito, ao tempo vivido pelo defunto, que é registado, por exemplo, através de acontecimentos considerados relevantes na vida deste. Este tempo único, porque individualizado, é rememorado na forma de alusões à vida terrena do defunto ou através de referências à morte como partida súbita e definitiva para outro mundo.

<p>(1) Aqui jaz Manoel Moreira Dias Falleceu a 20 de Janeiro de 1884 com 53 anos de idade Recordação de sua esposa D. Maria Pereira Dias (P.Agr.)</p>	<p>(2) Aqui jaz José dos Santos Falecido a 2 de Maio de 1919 com 50 anos de idade. R. I. P. (S)</p>	<p>(3) À memória de Francisco S. Braz F. 17-8-1920 com 82 anos Eterna saudade de sua esposa e filhos e sua esposa Rosa de Jesus Caetana F. com 90 anos e sua filha Camila Caetana F. 3-4-1934 – com 56 anos Tributo de saudade que lhe consagra seu marido e filhos e sua irmã Maria da Luz Caetana Faleceu a 2-10-1940 com 73 anos de idade (Av)</p>
---	---	---

Quadro 1

a) alusões à vida dos defuntos

É frequente encontrar, nos epitáfios mais antigos, menções diretas à idade dos defuntos – (1), (2), (3) –, o que indicia que o tempo de vida biológica era considerado um

² Optámos por respeitar a ortografia dos textos dos epitáfios estudados, mantendo intactos os erros ortográficos e a falta de pontuação sempre que surgiram.

sinal identitário relevante (em alguns casos, é mesmo o único elemento referido). Note-se que esta tendência se manifesta do fim do século XIX até meados do século XX, não tendo sido encontrados registos semelhantes após estes períodos.

<p>(4) Aqui jaz Guelhermina Rosa de Jesus Falleceu a 20 de Dezbro de 1878 e sua filha Guelhermina em 21.</p> <p>Que profunda magoa a minha ver-te tam nova morrer sentir-te gelada e fria nas convulsões da agonia a penar, filha, a soffrer</p> <p>Ja q'eu não posso mais ver-te nen colher os risos teus unico laço de amor. Pede por nos ao Senhor tu que estás perto de Deus. (Av)</p> <p>(6) Cláudia Clarisse de Oliveira Pinto Pereira * 05-07-1988 † 26-07-2004</p> <p>Eterna saudade de todos os amigos e namorado Ficarás para sempre no nosso coração Partiste para o céu na flor da idade. Na Terra deixas-te a dor e a saudade Eterno amor Kuka</p> <p>Nunca se morre quando no coração de alguém se ama como eu te amo Teu namorado Kuka (P.PR)</p>	<p>(5) À memória de Maria Helena Caeiro Condeço N.a 24-7-65 * F.a 13-3-83 Eterna saudade de seus pais, irmão, tios e primos</p> <p>Filhinha/ Choram os teus com saudade/A perda do teu amor/Quem na flor da idade/Descansa na paz do Senhor./Saudade angústia/Vivendo na ilusão/De te querer e não te ter/Sente o nosso coração./Que estejas junto de Deus/Filhinha do coração/ Oferecemos-te toda a vida/Uma linda oração. Ultima recordação de seus pais e irmão.</p> <p>Amiga/Cresceste junto de nós/Partiste e nós vivemos/Com recordações de ti/Que jamais esqueceremos.</p> <p>Partiste com 17 anos./Tão curta foi tua vida/E tão triste para nós/Perder tão cedo uma amiga</p> <p>Te damos um beijo nosso/Como se tu o sentisses/De duas grandes amigas/Que não queriam que partisses Ultima homenagem da Luisa e Milá. (E)</p>
<p>(7) Vitor Manuel Guimarães da Silva Faleceu a 9-2-1952 na primavera da vida deixando a mais profunda saudade. (S)</p>	<p>(8) Faustinho Eras o emlevo dos teus pais como cravo de casto perfume desfolhou-se nos braços de Jesus deichando um aroma que perfuma de esperança as nossas saudades teus pais N. a 23-9-51 F. a 2-7-55 (V)</p>
<p>(9) Aqui repousam os restos mortaes de Augusto Barbosa de? Nasceu a 13 de Agosto de 1844 e falleceu no 1 de Março de 1867 Um modelo d'irmão nesta manção repousa Da Primavera o Sol crestou-lhe a vida em flor Subindo para Deus lembrou-lhe o seu amor... Amantes esparci rozas sobre esta louza. Tributo de amizade (sic) fraternal (V)</p>	<p>(10) Á nossa querida Maria Adelaide Que tam cedo voou para junto de Deus Nasceu a 28 de Fevereiro de 1925 Falleceu a 27 de Abril de 1926</p> <p>Ultimos beijos de seus pais, avós e tios (P.Agr.)</p>
<p>(11) Aqui descança o corpo do virtuosissimo João Malachias Carretero Alumno do 3º An. Theol. e Presidente da Congregação de Maria Immaculada no Seminário Patriarchal. Sua alma voou para Deus a 11 de Dezembro de 1884 tinha 28 annos. Placita erat deo anima illius propter hoc properavit educere illum de medio iniquitatum Sap. IV 14 (S)</p>	

Quadro 2

Há, contudo, uma situação em que, ao longo de todo o período investigado, o tempo de vida biológica é marcado de forma explícita: tal sucede quando se verifica o falecimento de uma criança ou de um jovem. De facto, se a morte de um ente querido adulto por si só provoca sofrimento, este parece exacerbar-se sempre que estamos frente a um desaparecimento na infância ou juventude, na medida em que, perante uma morte encarada como *contra natura*, os familiares enlutados sentem necessidade de referir explicitamente que a morte chegou demasiado cedo. Note-se, contudo, que raramente o dizem diretamente, embora tal se verifique em (4) e (5). Na verdade, é mais comum a opção por metáforas associadas, sobretudo, à Natureza: a vida do defunto surge como sendo Natureza pujante – está na ‘flor da idade’ ou na ‘primavera da vida’, como em (5), (6) e (7), é ‘cravo perfumado ou ‘vida em flor’, como em (8) e (9) ou é metaforicamente associada ao voo dos pássaros, como em (10) e (11) – que a morte vem destruir antes do tempo, provocando sofrimento.

Por fim, e ainda neste âmbito, há outras referências temporais que se revelam interessantes. Assim, no século XIX, há um caso – (12) – em que há uma descrição temporal pormenorizada dos últimos momentos da defunta (data, hora da morte), indicando-se ainda não só a sua idade, mas também os anos de casada, o que demonstra o seu virtuosismo e a importância atribuída ao seu papel de esposa. Também o epitáfio de um Arcebispo – (13) – apresenta vários dados temporais ligados à sua função eclesiástica, o que denota a importância social do seu papel de sacerdote.

<p>(12) Aqui jaz o cadáver de D. Angela Clara dos Serafins Xavier esposa casta e mãe carinhosa que depois de longos e dolorosos padecimentos passou a gosar do descanso eterno aos 24 de Janeiro de 1837 pelas nove horas e meia da noite tendo de idade sessenta e tres annos e seis meses e de casada trinta e nove annos e nove meses. (Lx.SJ)</p>	<p>(13) Aqui jaz D. Joze Antonio da Matta e Silva Arceb: Metro: d'Evora. Foi Conego, Thesour: Mor e Deão da mesma Sé por espaço de 34 as. Foi Vig.º Apost.º do Bispo da Guarda 6 as. e meio e Bispo de Beja pouco mais de um anno. Fall: em 5=9=69 Pede as orações dos fiéis. (E)</p>
<p>(14) Em memória de Gloria Chorão Lavajo Simões Nac a 11-7-1924 Faleceu na noite de Natal de 1997 Só em Deus descansa a minha alma D'Ele vem a minha salvação. Salmo 62,1 (E)</p>	<p>(15) Albina de Jesus N. 9-12-1935 F. 23-9-2005 Delfim Andrade N. 19-5-1933 F.26-12-2007 Estarão sempre nos nossos corações Partiram cedo demais Deixando em nós a saudade Expressa em doridos ais Repousem em Deus queridos pais Albina e Delfim Andrade (V)</p>

Quadro 3

Já no fim do século XX e inícios do XXI, voltamos a encontrar referências temporais interessantes, mas diferentes das anteriores, na medida em que não se apontam dados sobre a idade ou o papel social desempenhado pelos defuntos. O que surge é uma preferência por dados que de alguma forma apontam para o sofrimento causado pela morte em quem permanece vivo. Assim, em (14) é dada relevância à data da morte e a razão parece ser óbvia: trata-se da noite de Natal, época por norma festiva, pelo que um falecimento se

traduz em especial sofrimento. Já em (15), a referência temporal não se traduz por dados específicos, mas expressa um lamento: a morte chegou “cedo demais”, como se tivesse subtraído tempo de vida a quem partiu.

b) A morte como partida

É frequente também, em epitáfios que rememoram o passado, encontrarmos referências à morte como a partida para outro mundo, deixando saudades. Estamos, neste caso, perante epitáfios mais recentes, em que a temporalidade se associa à irreversibilidade da circunstância da morte: há um momento de partida e não há, em momento algum, possibilidade de regresso. É o que vemos em (16), (17) e (18), em que os tempos verbais no passado, aliados a advérbios e adjetivos com valor temporal (‘partiste’, ‘não voltaste’, ‘eternamente’, ‘para sempre’, ‘eterna’), evidenciam precisamente a perpetuidade da circunstância da morte. De facto, o processo é tão claro que a nova dimensão em que o defunto se encontra é denominada ‘eternidade’ – como se observa em (19), (20) e (21) –, o que demonstra que há consciência, por parte de quem fica, de que a morte é um processo que, temporalmente, implica linearidade infinita e não permite retorno.

<p>(16) Sebastião Ribeiro Gil N. 01-09-1927 F. 30-01-2008</p> <p>Foste sempre querido esposo quem sempre me amou. Partiste e não voltaste só a saudade ficou. (CB)</p>	<p>(17) António de Jesus Moura N. 4-6-1918 F. 12-2-1982 Eterna saudade de sua esposa</p> <p>Foste na vida só bondade cheio de amor e sofrimento deixaste com a morte a saudade para o Céu partiste eternamente (CB)</p>
<p>(18) Aqui Jaz (?) Nabais (?)-1925 (?)-1974</p> <p>Por amor lutaste, viveste e sofreste. Por amor daqueles a quem mais querias no mundo! Tinhas desapego à vida mas por eles tudo fizeste! Perdoa querida, por tudo aquilo que merecias e não tiveste! Mas, partiste! E para sempre! Na altura em que tudo davas p'ra viver! Não realizaste o teu grande sonho, não tiveste o direito de ser feliz! Por amor lutaste, viveste e sofreste. Por amor daqueles a quem não pudeste dizer adeus! Eterna saudade de seu marido filhos e netos (CB)</p> <p>(20) À memória de Joaquim Barroso N.25-6(?)-1913(?) F. 2-2-1985 Recordação de esposa filhos</p> <p>Tu partiste desta vida foste para a eternidade mas nos nossos corações deixaste tantas saudades (CB)</p>	<p>(19) Adeus chorada mãezinha que já fostes para a eternidade deixas-tes a tua nétinha filho e nora com profunda saudade</p> <p>À memória de Requelinda do Rosário N. em 15-1-1931 F. em 31-7-1984 (E)</p> <p>(21) Isabel da Piedade N. 16 – 11 – 1923 F. 22 – 5 – 2003</p> <p>Partiste para a eternidade em nossos corações ficou a saudade do marido filhas genros e netos (CB)</p>

Quadro 4

3.2.2 O tempo presente

Há também epitáfios marcados pelo presente e que evocam diversas circunstâncias. Por norma, relacionam-se intimamente com a vida atual de quem permanece vivo – sendo usados para exprimir os seus sentimentos – ou são instrumento de negação ou aceitação da morte. Para além disto, em alguns casos, podem ser usados para veicular os pensamentos do defunto, como se tivesse sido ele mesmo a escrever o seu epitáfio. Vejamos cada uma destas perspetivas.

c) A expressão de sentimentos

São variados os sentimentos que surgem nos epitáfios em estudo e entre eles encontramos os de dor e luto. Note-se que é frequente, em todo o período analisado, que a temporalidade seja veiculada por adjetivos e advérbios ligados a sentimentos como a saudade ou o desgosto, que são apresentados como ‘eternos’, ‘infintos’, ‘constantemente’. É o que vemos nos exemplos (22), (23), (24) e (25). Além disso, há ainda lugar para a presença do verbo ‘aguardar’, em (25), que pelo seu traço aspetual durativo denota, também ele, temporalidade, indicando que os vivos assumem que terão um tempo de espera até falecerem. Já no epitáfio (26), a temporalidade é referida explicitamente como elemento-chave que contribui para aumentar a saudade de quem partiu.

<p>(22) Aqui jaz Conceição Moreira de Matos Falleceu em 2 de Novembro de 1880 tendo de idade 25 annos Aqui repousa também seu filho José fallecido em 1 de Outubro de 1880</p> <p>Entes(?) queridos(?) que aqui repousam, que separou de nos(?) a morte dura, singelo pranto saudade infinda persiste aqui a (?) ternura.</p> <p>Aqui jaz Manoel Maria Ferraz Falleceu a 26 de Dezembro de 1873 (Av)</p> <p>(24) É a ultima homenagem de sua esposa, filhos, netas, irmãos, sogros e sobrinhos enfim, de todos quantos deixaste com profundo desgosto e eterna saudade querido sempre sonhaste ter a tua casa própria mas Deus não quis. Uma vez que o teu sonho não foi realizado em vida eis agora a tua casa para repousares na eternidade Deus te tenha no Céu meu amor!</p> <p>A memoria de Jose Francisco Magalhaes Quaresma Nasceu em 23-1-1928 Falleceu em 9-9-1981 (E)</p>	<p>(23) Merecida homenagem á memória de Tomázia de Jesus Cavaco Nascida a 27-3-1910 Falecida a 8-1-1972</p> <p>Com eterna saudade te choram teu marido filha genro e neta Dai-lhe Senhor o eterno descanso (E)</p> <p>(25) Maria José da Conceição Oliveira</p> <p>Jaz em paz enquanto nos, derruidos por saudades constantes, aguardamos na vida igual destino.</p> <p>De seu marido e filhos 1868 1935 (V)</p>
<p>(26) Querido Saúl Partiste sem te podermos valer O tempo passa a saudade aumenta Teus pais, irmãos, cunhados, cunhadas, sobrinhos nunca te esquecerão que Deus te dê o eterno descanso</p> <p>Saúl Joaquim Barrigo Mendonça N.a 10-4-1961 F.a 8-5-1981 (E)</p>	

Quadro 5

Para além do luto, encontramos também outro tipo de sentimentos. Por um lado, à saudade eterna ligam-se sentimentos positivos em que a temporalidade está associada à expressão do amor ou lembranças positivas de quem partiu, como vemos em (27), (29), (30) e (31), manifestando-se através de adjetivos ('eterna', 'infinito') e advérbios ('nunca', 'eternamente', 'sempre'). Por outro lado, estão patentes também sentimentos de gratidão pelo que o defunto fez e foi ao longo da vida – como observamos em (28) e (32) – e por Deus – como nos revela o exemplo (33). Note-se, neste último caso, como o tempo é sinónimo de vida: o tempo em que a família teve consigo a defunta corresponde à vida desta na Terra.

<p>(27) Jazigo de família Aqui jaz Joaquim José de Santo Amaro Nasceu a(?) 8 d Outubro de 1817 e faleceu a 11 de Abril de 1861.</p> <p>Este triste padrão lhe mandou erigir a sua mui prezada espoza D. Anna Augusta de Santo Amaro Monteiro, como ultima prova de verdadeiro amor, e eterna saudade. (Lx.SJ)</p> <p>(29) À memória de Ana de Jesus Barradas Nasceu em 1897 – Faleceu em 1-12-1942 Eterna Saudade de suas filhas genros e netos Lembramo-nos sempre da sua alma luminosa que tão simples soube ser na terra e tao resignada e serena no sofrimento (V)</p> <p>(31) A morte é sombra a vida é luz o descanso infinito aos nunca esquecidos e adorados avós Manuel e Mariana dos netos queridos Miguel e Marisa Pedras Mariana Rita Cardador Família N.a.11.11.1925 F.a.7.7.2002 Eterna saudade do filho nora e netas (E)</p>	<p>(28) À memória de Luiz da Costa de Azevedo Coutinho que nasceu em Lisboa a 14 de Novembro de 1837 e falleceu na mesma cidade a 24 de Agosto de 1893(?)</p> <p>Tributo de eterna saudade amor e gratidão da sua inconsolavel viúva Maria Jacintha Pinto Guedes de Azevedo Coutinho (Lx.SJ)</p> <p>(30) Maria da Luz dos Reis N. 30-5-1907 – F. 10-6-1972 Infinito amor de seus filhos noras e netos</p> <p>Aqui tambem repousam os restos mortais de Luis dos Reis da Rosária (Av)</p> <p>(32) Manuel Domingos Oliveira Maçarico N. 7-12-1942 F. 9-2-2007 Eternamente gratos pelo, o teu exemplo, dedicação e amor Obrigado (S)</p>
<p>(33) Maria Evelise Viegas Costa Pereira dos Santos Nasceu em Tavira a 15-7-1939 Faleceu em Évora a 22-12-2003 Obrigado Senhor pelo tempo que tivemos a nossa Lise (E)</p>	

Quadro 6

Para além disto, ao longo de todo o período estudado, encontramos também sentimentos de aceitação e resignação perante a morte, que se traduzem pela esperança na salvação da alma do defunto, como documentam os epitáfios (34), (35), (36), (37), (38) e (39). A temporalidade, a este nível, é marcada não apenas por adjetivos como 'eterna', mas também por verbos como 'esperar' e 'aguardar', que semanticamente apresentam o traço de duratividade, também presente no gerúndio dos exemplos (34) e (36).

(34) P.N. A.M. Aqui jaz Maria do Nascimento molher(?) de João Barboza Lima esperando o triumpho da sua ressurreição Falleceo em 9 de Novembro de 1837. (Lx.SJ)	(35) Mário Vieira d'Oliveira N. A 6-12-1922 – F. A 4-10-1954 Sentida homenagem de sua estremosa mãe E de suas irmãs muito queridas Que Deus lhe conceda o gozo da eterna luz Paz á alma do que na terra era o anjo (S)
(36) Aqui se encontra João Maria José Pereira Nascido em Ovar no dia 31 de Janeiro de 1891 e falecido em Viseu em 13 de Junho de 1966 aguardando a segunda Vinda de Jesus (V)	(37) À memória de Carmelinda da Conceição N. 27.12.1900 F. 14.11.1974 Eterna saudade de sua filha e netas Mãe! Passaste pela terra fazendo só bem Espera a recompensa que Deus lá tem Tu estejas com Deus no gozo do Paraíso como a vossa alma vive sempre contigo (CB)
(38) À memória de Joaquim Antunes Barata N-15-8-1921 F-2-4-1977 Eterna saudade de sua esposa e filhos Enquanto dormes tua esposa e filhos oram por ti Deus esteja contigo e te dei uma vida eterna (CB)	(39) Antonio Moreira da Silva * 13-10-1942 † 31-12-2003 Pai Santo tende piedade deste vosso filho Antonio que adormeceu na esperança de alcançar a vida eterna/Dai-lhe o eterno descanso para descansar em paz Eterna saudade de tua companheira e familia (P.PR)

Quadro 7

d) A negação da morte

Ao contrário dos últimos exemplos, que veiculam resignação perante a morte, que acaba por ser aceite, há muitos epitáfios dos dias de hoje em que há uma recusa clara em assumir que esta circunstância existe e em aceitar o desaparecimento do ente querido, como vemos nos exemplos (40), (41), (42) e (43). De novo, a temporalidade é marcada através da presença de advérbios associados ao verbo 'viver' ('perpetuamente') ou ao verbo 'morrer' ('não'). Para além disto, encontramos também adjetivos, nomes e formas verbais que expressam a certeza de um tempo de vida infinito – 'imortal', 'eternidade', 'permanecem'.

(40) Porque o amor a honra e o trabalho são imortais; porque amaste, honraste e trabalhaste és imortal. Em nós C.B. 1 9 1974 M.T.K.N. (CB)	(41) Alfredo Ribeiro N. a 18-5-956 F. a 14-2-976 Não morreste!... Vives perpetuamente ao lado de teus padrinhos (P.PR)
(42) Rodrigo A. Purificação N. 3-11-1938 F. 29-10-1999 Não morreste! O teu calor e a tua presença permanecem connosco até a eternidade! Tua esposa filha sogra e familia (P.PR)	(43) Margarida da Silva Paiva * 10-9-1902 † 2-4-2001 Tu não morreste partiste para viveres com Deus na eternidade onde esperamos viver todos (V)

Quadro 8

De realçar, neste âmbito, a ideia de continuidade entre vida e morte, havendo uma recusa em assumir uma rutura entre os dois planos. Assim, a morte não é o fim, é apenas um momento de passagem para outra dimensão. A continuidade verifica-se na apresentação da morte como uma viagem que todos farão – veja-se os exemplos (44) e (45) –, sendo que o

advérbio ‘antes’ é usado para marcar que, em termos temporais, há alguém que assume a precedência nessa viagem. Para além disto, há epitáfios que registam a afirmação categórica da continuidade entre vida e morte. É o que vemos nos exemplos (46) e (47), em que importa realçar o verbo ‘transformar’, que semanticamente veicula a passagem de um estado para outro, implicando assim uma evolução no tempo.

<p>(44) Rosa de Jesus Fernandes</p> <p>Aqueles que amamos nunca morrem, apenas partem antes de nós. Até já 1923 2007 (Lx.SJ)</p>	<p>(45) Pedro Manuel Varandas Furtado N. 18-7-1951 F. 15-02-2009</p> <p>Para nós que te amamos não morreste, apenas partiste antes de nós.</p> <p>Com amor da esposa, filha, irmã, cunhados e sobrinhos (Lx.SJ)</p>
<p>(46) Maria Etelvina * 4-11-1932 † 24-3-2007</p> <p>A vida não acaba com a morte apenas se transforma misteriosamente... (P.PR)</p>	<p>(47) A vida não acaba, apenas se transforma</p> <p>À memória de António Duarte Patrício N. A 3-11-1901 F. A 4-3-1976</p> <p>Com eterna saudade de sua mulher filhos e netos. (S)</p>

Quadro 9

Veja-se ainda, nesta linha, o epitáfio (48), do século XIX, que resume estas mesmas ideias: a morte (metaforicamente associada ao sepulcro) é encarada não como um fim em si, mas como uma passagem para outra vida, uma ‘vida sem fim’, a ‘eternidade’, que está associada à imortalidade:

<p>(48) Jazigo Perpétuo MDCCCCI</p> <p>O navio foi a pique n'este sorvedouro fatal! Mas ao naufrágio da vida e a voragem da sepultura alguma coisa escapa sempre e entra em porto de salvamento: - a Virtude conduzindo a Alma e ancorando venturosamente nos Céos!,,</p> <p>Audivi vocem dicentem mihi scribe (?) Memento pulvis, quia homo es, et in hominem reverteris!</p> <p>As cinzas que aqui repousam, são cinzas humanas, cinzas immortaes. A morte as engendrou desfazendo frágeis corpos, mas a morte que pulverisa a argilla do corpo não attingue nem extingue a essência da Alma. O sepulchro não é o aniquilamento, o nada – é o principio do fim de uma vida sem fim. Balisa entre vivos e finados, a campa falla a dois mundos:aponta o tempo que acaba e a eternidade que começa.Bemaventurados os mortos que morrem no Senhor!...</p> <p>Mais poderoso que todas as vozes o silencio dos túmulos esta bradando. Este corpo, esta carne, estes ossos, esta pelle, estes olhos, este eu e não outro, tudo isto,que teve vida mortal até cahir em pó, há-de resurgir immortalmente. O que foi e o que será, isso é. Pó, que és homem por que foste homem lembra-te que hás-de tornar a ser homem!</p> <p>Quantos aqui jazem formaram uma família e foram todos um! Identificaram-se na vida e reúnem-se na morte Em Deus misericordioso firmam s sua esperança; e, escudados pela Fé, dormem seguramente o somno da Paz. (P.PR)</p>

Quadro 10

Por fim, ao longo de todo o período analisado surgem também epitáfios em que a ‘eternidade’ é sinónimo de ‘descanso’, ‘sono’ ou ‘repouso’ – vejam-se os exemplo (49), (50), (51) e (52). Ora, uma situação de descanso ou sono é sempre passageira (Crespo Fernández, 2006: 121), o que nos permite concluir que, a este nível, a morte pode ser assumida como uma fase temporária, rejeitando-se o seu carácter definitivo. Mesmo assim, é frequente encontrar, neste âmbito, adjetivos como ‘eterno’, o que nos permite perceber que, ainda que a morte seja associada a eventos temporários, não evita que o defunto se mantenha em outra dimensão, eterna. Só que a esta dimensão associa-se uma outra forma de vida e não a morte.

<p>(49) Aqui dorme o sono eterno Manoel Melo Alvim Nasceu a 16-12-1920 Faleceu a 7-12-1924 ----- Recordação de seus pais e irmão (Av)</p>	<p>(50) Aqui jaz Alfredo Marques N. A 13-9-1911 F. A 23-3-1965 Dorme o teu sono coração liberto dorme na mão de Deus eternamente Com o amor e profunda saudade da sua esposa P.N. A.M. (E)</p>
<p>(51) Dai-lhe Senhor o eterno repouso D. Maria Casimira Banha Nasceu em 19 de Março de 1958 Faleceu em 11 de Janeiro de 1941 A sua grande amiga saudosa recordação de Palmira e Armando Pinto Bastos (E)</p>	<p>(52) Manuel Augusto da Trindade † 26-1-1992 Que o Senhor te dê o eterno descanso e o reino da glória no Céu Última homenagem de Saudade de sua mulher filhos genro nora e netos (V)</p>

Quadro 11

e) A expressão do pensamento do defunto

Vários epitáfios dos dias de hoje veiculam os pensamentos dos defuntos, usando para isso a primeira pessoa verbal, como observamos em (53), (54), (55) e (56). Neste caso, também há marcas de temporalidade, perceptíveis na primeira pessoa (singular ou plural) do presente do indicativo (‘estou’, ‘descanso’, ‘vem’, ‘leva’), do presente do conjuntivo (‘chorem’) e do futuro do indicativo (‘continuaremos’, ‘cantarei’) e no uso de pronomes de primeira pessoa (‘eu’, ‘meu’, ‘minha’, ‘mim’, ‘meus’), que colocam a voz do defunto no momento da enunciação, criando a ilusão de um diálogo com os vivos (possível se os sujeitos da enunciação partilharem ficticiamente o mesmo tempo).

Neste âmbito, destacamos ainda um epitáfio (57) em que, para além da manifestação de carinho pela defunta, encontramos a expressão clara da vontade do seu proprietário, sendo o tempo um elemento decisivo. De facto, ao utilizar a expressão ‘depois de mim’, o proprietário do jazigo revela que assume a sua vontade como sendo perdurável por todo o sempre:

<p>(53) Não chorem por mim porque eu não morri estou no Céu a pedir pelos meus pais e irmã</p> <p>N. a 2-10-(?) (?) a 24-8-1961</p> <p>Vitor (?) Lopes saudados dos teus(?) queridos pais e irmã (V)</p>	<p>(54) Não chorem. Continuaremos a amar-vos na noutra vida. O amor está na alma e a alma não morre.</p> <p>José Coelho N. a 28-6-1901 F. a 13-5-1961</p> <p>Saudades infindas de seus filhos filha genro noras e netos (V)</p>
<p>(55) Enfim descanso do trabalho que eu gostava mas cansava. O espírito não morreu Mudou de lugar, adormeceu. Quem corre por gosto não cansa. Descansa. Meu corpo vem descansar minha alma foi viajar foi pró reino da verdade leva consigo a saudade emigrou não finou mas pró corpo foi o fim. Enfim!</p> <p>C.Branco-13/5/72 Nuno da Cunha Navarro N.13-12-1918 F. 2-4-1974 P.N. A.M. (CB)</p>	<p>(56) Cantarei ao Senhor um cântico novo por tudo o que Ele fez por mim</p> <p>Manuel Pimentel Nogueira N.25-01-1941 F.07-12-2006</p> <p>Eterna saudade de sua esposa e filhas</p> <p>Aos meus familiares e amigos o meu eterno obrigado M.P.N (Av)</p>

Quadro 12

<p>(57) Á sua querida mulher D. Gertrudes Eugenia Nunes Monteiro fallecida em Santarem a 21 d'Agosto de 1899, dedica Pedro Monteiro</p> <p>Este Jazigo é meu; não passa a herdeiros; e depois de mim, ninguém mais será n'elle depositado. Pedro Monteiro</p> <p>Aos cuidados do Asylo Districtal de Santo Antonio de Santarem. Pedro Monteiro (S)</p>
--

Quadro 13

3.2.3 O tempo futuro

Os epitáfios que veiculam uma temporalidade com características futuras relacionam-se com a projeção da vida para além da morte, podendo exprimir

- a afirmação da vida através da memória;
- a esperança num possível reencontro.

f) Viver na memória

No primeiro caso, a afirmação da vida através da memória, encontramos epitáfios que veiculam a ideia de que a morte não é o fim: há sempre a possibilidade de viver num plano diferente, na memória. Este pensamento, que nos parece uma outra forma de negar a existência da morte, encontra-se patente nos epitáfios em que se afirma que o defunto não cairá no esquecimento, mas permanecerá vivo na mente dos vivos através de recordações. É o que constatamos nos exemplos (58), (59), (60), (61), (62), (63) e (64) onde, de novo, as referências à temporalidade são veiculadas pelo tempo verbal do futuro do indicativo ('serás', 'poderá', 'esqueceremos', 'viverás', 'estarás', 'permanecerá') e por advérbios ('jamais',

‘sempre’ ou ‘nunca’). No entanto, eles são agora utilizados para exprimir a perpetuidade da vida, mesmo que essa vida não seja física.

<p>(58) A memória de António Artur d'Almeida Costa Faleceu a 20-11-1942 Saudosa recordação de sua desolada esposa Descança em paz marido querido Que já mais serás esquecido (S)</p>	<p>(59) Alfredo Lucena Nasceu em 18 de Abril de 1872 Faleceu em 28 de Setembro de 1957 Jamais poderá ser esquecido por seus filhos aquele que foi o melhor dos pais (P.Agr.)</p>
<p>(60) José Augusto Gonçalves Vila Pouca N. 18-4-1971 F. 28-8-1988 <Zé-Gú> Com lagrimas amor e saudade Partiste para a eternidade O nosso amor e desgosto é tão profundo mas não te podemos valer quando deixaste este mundo Não te esqueceremos jamais viverás eternamente no coração de teus pais (P.Agr.)</p>	<p>(61) Eterna Saudade de Mário Jorge Sousa Dias N. 23-6-1972 F. 6-6-2000 Marinho Recebemos a bênção do teu amor partilhamos o silêncio da tua dor Agora vivemos a recordar-te para que em nós e por nós a tua pureza nunca seja esquecida Da família que te ama (S)</p>
<p>(62) Luis Filipe Morgado Duarte N. 12-6-1965 F. 12-7-2000 Luis, morrer não é desaparecer, porque estarás para sempre presente nos nossos corações. (Lx.SJ)</p>	<p>(63) À memória de Miguel Pereira N. 1-4-1921 F. 2-3-1999 Viverás para sempre nos nossos corações Descanse na paz do Senhor (Lx.SJ)</p>
<p>(64) "Sabemos que a tua partida foi uma passagem para a outra vida e que de outra forma segues os nossos passos. Que Deus te envolva de amor, com a promessa de que a tua alma permanecerá sempre dentro dos nossos corações." 1948 "Vilas" 2009 28 Jan. 07 Fev. Carlos António Carvalho Vilas Boas Soares (P.Agr.)</p>	

Quadro 14

g) O reencontro

A evocação do defunto não se limita só ao que passou e é irreversível: recordar é também patentear o desejo de condicionar o presente e o futuro. Essa é a razão por que, para além de veicularem a negação da morte como uma circunstância irreversível e de defenderem a vida na memória, é frequente encontrarmos, ao longo de todo o período estudado, epitáfios onde é bem patente a esperança num reencontro: vejam-se os exemplos (65), (66), (67), (68), (69), (70), (71) e (72). Este sentimento tem raízes profundas nas crenças religiosas dos enlutados, razão pela qual Deus é referido várias vezes, como vemos em (67), (68), (70) e (72).

A este nível, a temporalidade é veiculada não só pelos tempos verbais no futuro ('juntaram' por 'juntarão', 'unir-nos-á', 'irei', etc.), mas também pela forma imperativa 'espera' (que projeta a ordem num tempo futuro) e por advérbios e locuções adverbiais como 'um dia', 'enfim', que, de novo, nos transportam para um tempo futuro, tal como o nome 'eternidade'.

Por fim, repare-se ainda no uso de expressões que nos transportam para a infinitude temporal – ‘pelos séculos sem fim’ –, na presença de fórmulas de despedida que veiculam a certeza de que, com o tempo, haverá reencontro – ‘até um dia’ (veja-se também o epitáfio (44)) –, na expressão ‘a saudade vencerá o tempo’, que indicia a certeza de que é possível, em termos temporais, reverter a situação de separação definitiva, e no eufemismo metafórico veiculado em ‘quando chegar a nossa hora’, em que uma expressão temporal – ‘a nossa hora’ – é utilizada como sinónimo de ‘morte’.

<p>(65) Aqui jaz Joao Baptista de Figueiredo Nasceu a 1 de Janeiro de 1836 Falleceu a 30 de Maio de 1851 Seus paes saudosos enconsolaveis Um dia se lhe juntaram Neste seu jazigo (Lx.SJ)</p>	<p>(66) Mario da Costa David N. 15-4-1922 F. 2-5-1975</p> <p>Espera por mim</p> <p>Eterna Saudade de sua esposa (CB)</p>
<p>(67) Luisa Quando o meu corpo, enfim,/Repousar junto do teu,/Praza a Deus tambem assim,/Lado a lado, em pleno Céu,/Nossas almas redimidas,/ No antigo amor ungidas,/Se enlacem, fiquem unidas/Pelos séculos sem fim Silvério Dorme o teu sonho, coração liberto, dorme na mão de Deus eternamente!» 3-IX-1968 (V)</p>	<p>(68) José Esteves de Almeida * 12-3-1907 † 19-1-1990</p> <p>“A morte separou-nos na Terra Deus unir-nos-á na eternidade”</p> <p>Profunda saudade de teus filhos (V)</p>
<p>(69) Meu querido Adeus até um dia Tua esposa</p> <p>António Almeida Cheixo «conde Xabregas» N 5-2-1927 F 23-5-2000</p> <p>Eterna saudade de sua esposa filhos genro nora e netas (S)</p>	<p>(70) Nesta viagem não pude ir contigo. É o destino. Fiquei só. Solitaria perdida neste mundo que só via pelos teus olhos. Espera-me. Eu irei pois a minha saudade vencera o tempo e o afecto levar-me-á para ti. Como sempre o desejei eu irei companheiro e amigo. Eu irei! Amavas o (?) Deus se lembrará de ti na ressurreição. (CB)</p>
<p>(71) João Filipe Alves Matias N.02-10-1985 F.22-11-2008 Com amor dos teus pais esposa filha e familia</p> <p>O teu sorriso... Faz-nos olhar para o Céu para a mais bela das estrelas Tudo o resto são as saudades que temos e perdidos no desespero da dor de não te termos aqui encontramos e relembamos o amor que sentimos por ti Foste embora sem te despedir. Quando chegar a nossa hora iremos nos juntar outra vez todos no Céu. Sentimos todos muito a tua falta, pois tens um lugar especial dentro do nosso coração.</p> <p>Hugo, Joel, Romeu, Paulo, Diogo, Pedro, Roque, André - “Os Falcões” (CB)</p>	<p>(72) Henrique Manuel Chitas do Rosário Falé N.A 19-12-1964 F.A 31-1-2010</p> <p>Filho querido que tão cedo partiste Deixando-nos cegos de dor e de saudade Repousa no seio de Deus que te chamou Que a nós a única luz que nos ficou Foi a esperança de rever-te na eternidade.</p> <p>Com profundo amor dos pais P.N. A.M. (E)</p>

Quadro 15

Conclusão

Ao longo da nossa investigação, pretendemos observar de que forma a sociedade lida, desde o final do século XIX até aos dias de hoje, com a relação que se estabelece entre a morte, inevitável e irreversível, e a passagem do tempo. Neste âmbito, dedicámo-nos a estudar epitáfios – textos que veiculam não só a dor de quem fica (diminuindo a angústia dos enlutados ao permitir a expressão de sentimentos e a conservação do defunto simbolicamente vivo), mas também as ideias culturais da sociedade – e concluímos que eles veiculam inúmeras referências temporais que são utilizadas de diversas formas, exprimindo o passado, marcando o presente ou projetando o futuro.

De facto, o tempo é uma característica que está presente nas alusões à vida passada do defunto – quando se evoca o papel social do defunto, a sua idade, uma morte antes do tempo (no caso do falecimento de crianças e jovens), uma data especial, etc. – e nas referências à morte como partida súbita, definitiva e irreversível para outro mundo.

Relativamente à relação entre a temporalidade e o presente, detetámos que surgem inúmeras referências temporais na expressão dos sentimentos (positivos e negativos) dos enlutados, que aproveitam o texto fúnebre para exprimir também a sua esperança na salvação do defunto ou para negar categoricamente a existência da morte e o desaparecimento dos entes queridos. A este nível, as referências temporais são utilizadas – pela presença de verbos, adjetivos e advérbios com valor temporal – para reforçar a certeza de que, ao invés de uma rutura, há uma continuidade entre o plano da vida e o da morte. Por fim, neste campo, ainda há lugar para colocar na voz do defunto pensamentos que ficam expressos nos epitáfios, sendo que a temporalidade, aqui, veiculada pelas formas verbais no presente, permite criar a ilusão de que o defunto continua vivo (porque tem voz).

Por fim, as referências temporais permitem ainda que os vivos projetem, no plano do futuro, a certeza da perpetuidade da vida de quem partiu, associando-a à memória, e a esperança num reencontro numa outra dimensão de vida.

Tudo isto permite-nos concluir que a temporalidade é uma categoria muito relevante para a interpretação dos textos fúnebres.

Referências

- Abud, C. (2008). *A cultura da morte e da mortalidade nas organizações hospitalares*. Recuperado de: <http://www.pqv.unifesp.br/crisadub.pdf>.
- Andrade, Viviane L. Vilar de (2008). *Sobre a Identidade da Metáfora Literária*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- Araújo, Emília Rodrigues (2005). *A relação entre pessoa e sociedade: um olhar a partir do tempo*. Congresso Internacional de Filosofia "Pessoa e Sociedade: Perspectivas para o Séc. XXI", Braga, Portugal, 16-18 Novembro 2005. Recuperado de: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/3889>.
- Ariès, Philippe (1975). *Sobre a História da Morte no Ocidente*. Lisboa: Teorema.
- Bellato R, Carvalho E.C. (2005). O jogo existencial e a ritualização da morte. *Revista Latino Americana de Enfermagem*, 13(1), 99-104.

- Caputo, Rodrigo Feliciano (2008). O Homem e suas representações sobre a morte e o morrer: um percurso histórico. *Saber Académico*, 6, 73-80.
- Carvalho, Cátia Daniela Rodrigues (2006). Luto e Religiosidade. Monografia realizada no âmbito da Licenciatura em Psicologia (ISMaia). Recuperado de: <http://psicologiadareligiao.files.wordpress.com/2007/12/luto-e-religiosidade.pdf>.
- Catroga, Fernando (1999). *O céu da memória*. Coimbra: Minerva.
- Crespo Fernández, Eliecer (2006). The language of death: Euphemism and conceptual metaphorization in Victorian Obituaries. *SKY Journal of Linguistics*, 19, 101-130.
- Cunha, Vanessa (1999). A Morte do Outro – mudança e diversidade nas atitudes perante a morte. *Sociologia - Problemas e Práticas*, 31, 103-128.
- Kroll, Heinz (1984). *O eufemismo e o disfemismo no português moderno*. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.
- Lakoff, George (1992 [1979]). The Contemporary Theory of Metaphor. *Metaphor and Thought*. Ed. Andrew Ortony (2ª ed) (202-251). Cambridge: Cambridge University Press.
- Macedo, João Carlos Gama Martins (2004). *Elisabeth Kübler-Ross: a necessidade de uma educação para a morte*. Diss. Mestrado. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Oliva-Augusto, Maria Helena (1994). O moderno e o contemporâneo: reflexões sobre os conceitos de indivíduo, tempo e morte. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*: S. Paulo, 6(1-2), 91-105.
- Ullmann, S. (1964). *Semantics: An introduction to the science of meaning*. Oxford: Basil Blackwell.